

A Igreja Católica e o rádio educativo – percepções a partir da encíclica *Miranda Prorsus*¹

Edgard Patrício²

Universidade Federal do Ceará

Resumo

No final da década de 1950 e início da década de 1960 observa-se um movimento da Igreja Católica de aproximação com o rádio. O movimento traz uma diretriz, que é a utilização desse veículo como meio educativo. Sintomática é a denominação que essas emissoras católicas vão assumir. Alguns exemplos, no Ceará, são as inaugurações da Rádio Educadora de Sobral e Rádio Educadora do Cariri, no ano de 1959. Embora sem o dístico ‘educadora’, mas temente à diretriz, são inauguradas a Rádio Assunção Cearense, em 1962, e a Rádio Rural de Natal, em 1958, essa última a base do projeto de escolas radiofônicas do Movimento de Educação de Base (MEB). A que se deve essa aproximação da Igreja Católica com o rádio? Qual a razão da escolha pela vertente educativa? Em que bases foi definido o projeto? O trabalho tenta encaminhar algumas discussões sobre essas perguntas.

Palavras-chave: Igreja Católica; Rádio; Educação.

Introdução

A utilização dos meios de comunicação eletrônicos pelas igrejas é um fato nos dias de hoje. Horários são ocupados na TV aberta por pregações escancaradas, que orientam os fiéis na busca da resolução milagreira de seus problemas. Nas emissoras de rádio, programações inteiras são arrendadas para dar vazão à arrecadação de novos seguidores às causas religiosas. A produção da indústria fonográfica fez com que as lojas aparecessem com seções inteiras dedicadas à música gospel, que ocupa a dianteira das vendas.

Se o apelo de arrebanhar novas ovelhas, e alavancar as arrecadações, pauta essa onda de utilização dos meios de comunicação pelas igrejas, outras orientação nessa utilização, bem mais altruísta, já orientou essa aproximação. Refiro-me às décadas de 1950 e 1960, quando a Igreja Católica estimula a implantação de emissoras de rádio em suas dioceses, pautadas pela diretriz de serem veículos educativos do povo. As próprias denominações das emissoras, que levavam o termo ‘Educadora’ em seus nomes, comprovam essa orientação.

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. edgard@ufc.br

Ao tentar estabelecer uma correlação de fatores entre política e atuação da Igreja Católica, especificamente em torno do incentivo à utilização do rádio como meio de comunicação educativo, analisei documentos emanados do Vaticano nessas décadas. E um desses documentos pode lançar algumas luzes sobre esse movimento. É a encíclica *Miranda Prorsus*³, de 8 de setembro de 1957, editada no pontificado de Pio XII⁴. A *Miranda Prorsus* assume uma importância diferenciada porque foi a primeira encíclica papal a fazer referência direta ao meio de comunicação rádio. Por ser um documento⁵ que encerra o pensamento máximo do Vaticano, me dediquei ao estudo da *Miranda Prorsus* tentando compreender o interesse da Igreja Católica sobre o rádio a partir dos direcionamentos encontrados na referida encíclica.

Mais que a percepção da Igreja Católica sobre o rádio, encontrei os princípios referenciais que guiaram o Vaticano nas primeiras orientações sobre a utilização da comunicação no seio da Igreja. Para desenvolver essas impressões, observo a Encíclica tentando relacionar minha interpretação na relação entre um pretérito discurso fundador da Igreja Católica e sua repercussão sobre seu pensamento quanto à comunicação, Parte I do artigo. É nessa discussão que sobressai a ‘vanguarda’ da Igreja Católica em relação às teorias da Comunicação vigentes à época.

A partir da identificação desse discurso fundador da Igreja Católica sobre a Comunicação, e as teorias subjacentes a esse discurso, tento demonstrar, Parte II desse trabalho, que funções derivam para os meios de comunicação a partir da sua percepção pela Igreja⁶. Digo meios porque a *Miranda Prorsus* traz orientações sobre a utilização do rádio, mas também do cinema e da televisão, em plena ascensão à época de sua publicação. Finalmente, na Parte III, exponho uma discussão que diz respeito ao posicionamento da Igreja sobre o papel de seu rebanho na interação com os meios de comunicação. Essa parte do trabalho demonstra,

³ ‘Completamente maravilhosa’, em tradução retirada do tradutor Google. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_08091957_miranda-prorsus_po.html

⁴ De 2 de março de 1939 a 9 de outubro de 1958.

⁵ Etimologicamente, a palavra foi empregada para designar "cartas circulares" enviadas pelos bispos a seus colegas de uma mesma região, para assegurar a unidade doutrinária. A partir de Bento 14, em sua "Epistola Encyclica commonitoria ad omnes episcopos" (Carta circular de advertência a todos os bispos), de 3 de dezembro de 1740, esse termo se restringiu às mensagens dirigidas pelo papa, em forma de carta, a toda a Igreja Católica, "aos patriarcas, primazes, arcebispos, bispos e outros ordinários (comuns) em paz e em comunhão com a Sé apostólica". As encíclicas pertencem ao gênero das "cartas apostólicas", distinguindo-se, porém, pela universalidade de seus destinatários. (...) Desde Gregório 16 (1831-1846), as encíclicas se multiplicaram de tal modo que, por meio delas, é possível acompanhar a história da Igreja Católica. (O que é encíclica, retirado de <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2005/papa/0035.shtml>)

⁶ A partir desse momento passo a referenciar a Igreja Católica apenas como Igreja, para um melhor fluxo textual. Caso necessite referenciar outro credo o farei especificamente.

primeiro, a preocupação com o receptor da mensagem emitida pelos meios; segundo, empresta uma aura ativa a esse receptor. Concepções que tendem a aproximar o discurso da Igreja de uma caracterização do rádio enquanto meio educativo.

Parte I - O discurso fundador da Igreja e a repercussão na Comunicação

As diretrizes para a correta utilização dos meios de comunicação pelos católicos, ou a vigilância que os católicos deveriam exercer sobre esses meios, caso não estivessem sob sua responsabilidade, têm inspiração na doutrina fundadora da Igreja. E essa doutrina parte da origem de toda a sabedoria, representado pelo poder e glória de Deus. E é fácil para o Vaticano estabelecer essa correlação causal entre as potencialidades representadas pelos meios de comunicação e os desígnios de Deus. Numa compreensão mais ampla, a própria subordinação da Ciência ao Pai. Em seu Preâmbulo, a *Miranda Prorsus* já delimita por onde a Igreja vai caminhar nessa discussão:

Os maravilhosos progressos técnicos, de que se gloriam os nossos tempos, sem dúvida são fruto do engenho e do trabalho humano, mas são primeiro que tudo dons de Deus, Criador do homem e inspirador de todas as obras; ‘não só produziu as criaturas, mas uma vez produzidas defende-as e protege-as’.

A Igreja reconhece uma qualidade inerente aos meios de comunicação, relacionada ao âmbito concreto, palpável. Por meio da técnica, serviriam para multiplicar as forças e as possibilidades físicas do homem, outros para lhe melhorarem as condições de vida. Mas defensor da fé como princípio de existência na terra, não poderia passar despercebida ao Vaticano outra face dos meios de comunicação, a que poderia tocar a alma de cada um dos católicos, instalando possíveis dúvidas no espírito conciliador da fé e instalando possibilidades de contradições perante a palavra de Deus. Essa outra face estaria relacionada mais ao espírito, quando os meios servem, “diretamente ou mediante uma expressão artística, para a difusão das idéias, e oferecem a milhões de pessoas, de maneira facilmente assimilável, imagens, notícias e lições, como alimento quotidiano do espírito, mesmo nas horas de lazer e repouso”.

E o Vaticano buscaria na história recente os argumentos para sua preocupação com os meios de comunicação. Lança mão do que havia ocorrido com as transformações da revolução industrial do século XIX para justificar suas precauções perante as novas

tecnologias. Para a Igreja, o progresso das técnicas industriais não teria sabido evitar a escravização do homem à máquina, que era destinada a servi-lo, e “gerações inteiras, ainda nos nossos dias, estão a pagar bem à sua custa esses erros do passado”. O mesmo discurso se enquadraria aos meios de comunicação, mas sempre na perspectiva de subordinação aos desígnios de Deus, e por temor aos malefícios do espírito:

(...) assim também hoje, se o progresso das técnicas de difusão se subtrair ao ‘jugo suave’ da lei de Cristo, corre o risco de ser causa de infinitos males, e tanto mais graves quanto não se trata já de escravizar forças materiais mas forças espirituais, tirando ‘aos descobrimentos do homem as altas vantagens que eram o seu fim providencial’.

E o perigo é real, pois muitos fatores estão envolvidos no desenvolvimento das atividades dos meios de comunicação. Certo é que os novos meios, à época, sofrem um processo de profissionalização que os afasta cada vez mais das iniciativas amadorísticas do século XIX, em relação especificamente à imprensa. Em momentos pós II Guerra Mundial, a geografia política é retalhada pelas empresas transnacionais, buscando mercados consumidores para fazer frente aos anos de estio⁷. É nesse ímpeto que a Igreja denuncia uma possível deturpação da utilização dos meios de comunicação, “por indivíduos cegos pelo desordenado apetite do lucro, ou vítimas de idéias errôneas sobre a realidade da natureza humana, a liberdade de expressão e o conceito de arte”.

Mas se engana quem poderia pensar que a Igreja, vendo-se possivelmente acuada pela concorrência em torno das almas de seu rebanho, viesse a demonizar os meios de comunicação. Como, se são criação Divina, por meio dos homens? Aí é que estaria a chave para entender o processo. Não seriam os meios de comunicação a encarnação do ‘coisa ruim’, mas aquilo que os homens fazem dos meios de comunicação.

O mal moral, certamente, não pode provir de Deus, perfeição absoluta; nem das técnicas em si mesmas, que são dons preciosos Seus; mas só do homem, que, sendo dotado de liberdade, abusa dessas técnicas e difunde conscientemente o mal moral, colocando-se do lado do príncipe das trevas e constituindo-se inimigo de Deus: "Foi um homem inimigo que fez isto".

⁷ No Brasil, ficaram célebres os programas de rádio patrocinados por grandes empresas transnacionais, e que levavam seus nomes. Um dos mais célebres é o Repórter Esso, cuja primeira audição, em 28 de agosto de 1941, na Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, inaugurava a produção em radiojornalismo no Brasil. Era a ‘testemunha ocular da história’, um dos slogans do programa, levando a milhões de brasileiros informações com o sabor político-ideológico norte-americano, uma vez que a fonte mais importante para o Repórter Esso era uma agência de notícias dos Estados Unidos.

E é por essa interpretação da manipulação dos meios de comunicação que a Igreja, mesmo por vias tortas, se coloca à frente, em seu tempo, das próprias teorias da comunicação. Quem diz o quê, por que canal e com que efeito? Com essa fórmula, Lasswell, em 1948, cria um aparato conceitual para a sociologia funcionalista da mídia. Por essa corrente, as mídias eram concebidas “como mecanismos decisivos de regulação da sociedade e, nesse contexto, só podia advogar uma teoria voltada para a reprodução dos valores do sistema social, do estado de coisas existentes” (MATTELART, 1999, p. 73). Quando se colocam os meios na esteira da reprodução de valores, e com a democracia em alta após a decaída dos sistemas fascistas no pós II Guerra, certamente a democracia se fortaleceria ainda mais com a atuação dos meios de comunicação.

Não é bem assim que vão pensar as escolas críticas da comunicação. De mecanismos de ajuste, por parte da compreensão funcionalista, com as escolas críticas os meios de comunicação passam a ser suspeitos de violência simbólica, e são encarados como meios de poder e dominação. A corrente crítica mais evidenciada concentrou-se na Escola de Frankfurt, grupo de pesquisadores⁸ de origem judia que se refugiam nos Estados Unidos fugindo da perseguição nazista da II Guerra. Ao contrário da sociologia funcionalista das mídias, a Escola de Frankfurt foi ao outro extremo, num processo de ‘demonização’ dos meios de comunicação para se contrapor ao aspecto reprodutivista dos meios.

Em meados dos anos 40, pelo viés do conceito de indústria cultural, Adorno e Horkheimer analisam a produção industrial dos bens culturais como movimento global de produção da cultura como mercadoria. “Os produtos culturais, os filmes, os programas radiofônicos, as revistas ilustram a mesma racionalidade técnica, o mesmo esquema de organização e de planejamento administrativo que a fabricação de automóveis em série ou os projetos de urbanismo.” (MATTELART, 1999, p. 77)

É a discussão sobre as correntes que se posicionam de um e de outro lado da interpretação do papel dos meios de comunicação numa sociedade de massas que vai inspirar Umberto Eco a escrever *Apocalípticos e Integrados* (1964), obra paradigmática da discussão que se instalou entre um e outro grupo. É surpreendente observar que a Igreja, já em 1957, durante

⁸ Os nomes mais destacados do grupo foram Max Horkheimer, Theodor Adorno, Walter Benjamin e Herbert Marcuse. Um dos conceitos mais difundidos do grupo é o de ‘indústria cultural’, concebido por Horkheimer e Adorno em meados da década de 1940, quando aproximam a produção cultural com o viés mercadológico.

a edição da *Miranda Prorsus*, parece já dar conta desse dualismo, e o utiliza em benefício próprio para interpretar a realidade e trazer os meios de comunicação como aliados em sua cruzada evangelizadora.

Temos acompanhado este desenvolvimento, que, sem dúvida, marca importante estádio na história da humanidade. Temo-lo acompanhado, dizemos, com vivo interesse, com grandes esperanças e graves preocupações, elogiando desde o princípio as suas grandes vantagens e novas possibilidades, e prevenindo e apontando também os seus perigos e abusos.

Parte II - As funções dos meios de comunicação para a Igreja

A partir da análise da *Miranda Prorsus* conseguimos visualizar três funções básicas dos meios para a Igreja. Eles serviriam 1) a uma ação moralizante, vinculada à noção de bons costumes; 2) a uma ação evangelizadora, a fim de levar a palavra de Deus a todos os recônditos, dentro de uma visão pragmática de altar eletrônico; e 3) a uma ação educativa, de valores mais amplos. Ressalte-se que essa divisão assume um caráter didático, uma feita que, em muitas ocasiões, essas funções tendem a se complementar.

O caráter massificante dos meios de comunicação não passa despercebido à Igreja, que vê nas técnicas audiovisuais uma possibilidade de colaboração e de permuta espiritual, bem como a promoção de “certa uniformidade de civilização entre todos os povos do globo; perspectiva muito agradável à Igreja, pois, sendo universal, deseja a união de todos na posse comum dos valores autênticos”.

Nessa atuação, uma das funções emprestada aos meios de comunicação seria o fortalecimento da moral, sendo “condenáveis todos os que pensam e afirmam que se pode usar, estimar e louvar determinada forma de difusão, mesmo que falte gravemente à ordem moral”. Mesmo que o produto audiovisual encerrasse valores artísticos e técnicos –a ação moral definiria o bom uso dos meios.

Mesmo acreditando no potencial da Igreja para desenvolver uma política de disseminação de sua doutrina pelos meios de comunicação, o Vaticano não esqueceria dos eventuais colaboradores nessa missão.

Só o interesse positivo e solidário pelas técnicas de difusão e seu devido uso, tanto por parte da Igreja como do Estado e da profissão, permitirá às próprias técnicas virem a tornar-se instrumentos construtivos de formação da personalidade, ao passo que, sendo deixadas sem vigilância ou direção, só irão favorecer o abaixamento do nível cultural e moral das massas.

A Igreja também pensa a longo prazo, e sabe que a ampliação do rebanho está condicionada à formação atual. Então, atenção específica é dada à formação moral da juventude. O sentimento é de preservação dos jovens do “pernicioso influxo dos espetáculos demasiados freqüentes ou não adaptados à idade juvenil”. Todo o esforço realizado neste campo “merece aplauso”, contanto que se tenha em conta que “são bem mais graves do que perturbações fisiológicas e psicológicas os sendo prevenidos a tempo - ameaça verdadeira e real para a sociedade”.

Nessa cruzada moral, destaca-se a compreensão sistêmica da Igreja perante a atuação dos meios de comunicação. Especificamente em relação ao cinema, há uma preocupação de impingir esses preceitos em toda a cadeia de desenvolvimento do produto, desde a fase de planejamento à fase de veiculação. Fato inusitado para a época, em que as teorias da comunicação oscilavam ora entre a análise do polo produtor da mensagem, ora da própria mensagem e quase nunca do receptor da mensagem.

Numa exortação final sobre essa primeira função dos meios de comunicação para a Igreja, de formação e fortalecimento da moral, mas especificamente direcionada ao meio radiofônico, o Vaticano emite uma orientação para que os pastores lembrem aos fiéis “que a Lei de Deus proíbe ouvir transmissões prejudiciais para a sua fé ou para a sua vida moral, e exortarão os que têm cuidado da juventude à vigilância e à sábia educação do sentido das responsabilidades, perante o uso do aparelho receptor [rádio] admitido no lar”.

A segunda função definida pela Igreja para os meios de comunicação é a de ação evangelizadora. Para esse nobre fim, os fiéis, “conhecedores do inestimável dom da Redenção, não se devem poupar a esforços a fim de a Igreja poder servir-se das invenções técnicas e usá-las para a santificação das almas”. O relevo é para o cinema, o rádio e a televisão, que não seriam “simples meios de recreio e distração (ainda que grande parte dos ouvintes e espectadores as consideram principalmente sob este aspecto)”, mas constituem verdadeira e própria “transmissão de valores humanos sobretudo espirituais, e podem

constituir portanto nova e eficaz forma de promover a cultura no seio da sociedade moderna”.

Corroborando o direcionamento anterior, a *Miranda Prorsus* interroga, num movimento semântico de dúvida não muito frequente para os documentos papais, mas que vai ao encontro a seu sentimento de evangelização: a mais alta vocação das técnicas de difusão não será mesmo tornar conhecida a todos a fé em Deus e em Cristo, "essa fé que é a única a poder dar a milhões de homens a força para suportarem com serenidade e coragem as indizíveis provas e as angústias da hora presente?"

Novamente, a Igreja não esquece nessa caminhada seus colaboradores mais próximos, numa conclamação à tarefa de evangelizar pelos meios: “Uma palavra de particular satisfação queremos dirigir aos missionários, que - na consciência do dever de salvaguardar a integridade do rico patrimônio moral dos povos por cujo bem se sacrificam - procuram iniciar os fiéis no reto uso do cinema, da rádio e da televisão”, fazendo assim conhecer praticamente as verdadeiras conquistas da civilização. E que desprendimento assume o Vaticano perante os meios, percepção não muito corriqueira quando se deparam a assunção de novas tecnologias e instituições seculares!

E, mais que isso, conclama os católicos a terem a mesma postura, bem distante dos tempos medievais e da própria compreensão da Igreja acerca da disseminação de novos conhecimentos que poderiam abalar a fé na Palavra de Deus. A utilização dos meios de comunicação, agora já no século XX, deve compreender que “milhões de homens esperam ainda pela alvorada da boa nova ou por mais vasta instrução acerca da própria fé, quando os doentes ou os impossibilitados por qualquer outro motivo esperam ansiosamente unir-se às orações da comunidade cristã e ao sacrifício de Cristo”, como poderiam os fiéis, mas sobretudo os que “conhecem as vantagens da rádio por experiência cotidiana, não mostrar-se generosos em favorecer semelhantes programas?” Ingenuidade da Igreja, em pensar que não teria concorrência no púlpito eletrônico? Pragmatismo ante um fato consumado, de adesão dos fiéis e não-fiéis à assistência dos meios de comunicação? Ou tentativa desesperada de recuperar o tempo perdido?

Fato é que a Ciência, frente à premência da ação evangelizadora e à disseminação dos meios de comunicação, não é mais temida pela Igreja, nem obscurecida. O sacerdote deve conhecer os problemas que o cinema, a rádio e a televisão colocam às almas.

O Sacerdote que tem cura de almas (...) pode e deve saber o que afirmam a ciência, a arte e a técnica moderna, em tudo o que se refere ao fim e à vida religiosa e moral do homem. Deve saber servir-se delas quando, a juízo da autoridade eclesiástica, o requerer a natureza do seu sagrado ministério e a necessidade de atingir maior número de almas. Deve, enfim, se delas usa para si, dar a todos os fiéis exemplo de prudência, de temperança, e de sentido da responsabilidade.

A igreja também evidencia a aproximação entre a missão evangelizadora com a missão educativa, a terceira função para o Vaticano que teriam os meios de comunicação. Referencia que essas iniciativas, seguindo as normas da educação cristã e sendo dadas com competência didática e cultural, “não só merecem a Nossa aprovação, mas também o Nosso decisivo encorajamento para que sejam expostas e explicadas nas escolas e nas universidades, nas Associações Católicas e nas paróquias”. O aparato educativo missionário não deveria se furtar à orientação: “desejamos que no ensino católico sejam oportunamente usados os meios audíveis para completar a formação cultural e profissional, e ‘sobretudo... a formação cristã: base fundamental de todo o progresso autêntico’”. O encorajamento da alta cúpula é explícito, quando dão o testemunho do “Nosso agrado a todos os educadores e professores que utilizam devidamente para tão nobre fim o filme, a rádio e a televisão”.

Na utilização para o ensino, todos os meios teriam potencialidades: “o filme didático, a rádio e mais ainda a televisão escolar, oferecem possibilidades novas e inesperadas, e não só para os jovens mas também para os adultos”. Mas como prudência nunca foi cara à Igreja, cabe destacar que “a utilização no ensino destas novas e prometedoras técnicas, não deve opor-se aos imprescritíveis direitos da Igreja e da família no campo da educação da juventude”.

Nessa ação educativa, é uma grata revelação perceber nos ensinamentos emanados pela Igreja sua compreensão dos princípios educativos que poderiam orientar a utilização dos meios de comunicação. Algo que Freinet (1974, 1977) inicia no começo do século XX, Kaplún (1973, 1992, 1999) realiza na década de 1940, na América Latina, ao conceituar essa ação como ‘educomunicação’, Freire (1975, 1986, 1988) incorpora enquanto ‘diálogo

comunicante’ em sua abordagem filosófica da educação, Barbero (2002) tenta compreender numa abordagem mais ampla, de ‘sociedade educadora’, Castillo (2002) vai tratar na perspectiva de uma ‘comunicação alternativa’, Soares (2001) incorpora desenhando os âmbitos da ‘gestão de processos comunicacionais nos espaços educativos’; e que Patrício (1999, 2006) tenta aprofundar em relação ao rádio, quando chama atenção para seu ‘princípio educativo’ e, de forma mais abrangente, para uma ‘didática da comunicação educativa no rádio’.

E é essa função educativa dos meios que vai aproximar o discurso da Igreja voltado à comunicação e o sentido de cidadania. Para a compreensão educativa dos meios, a *Miranda Prorsus* identifica que tal forma de transmissão dos valores espirituais é “perfeitamente conforme à natureza do homem”. E exemplifica tomando por base a utilização da imagem com esse fim. Seria “natural ao homem chegar às coisas inteligíveis pelas sensíveis: porque todo o nosso conhecimento tem começo nos sentidos”, e o sentido da vista, sendo “mais nobre e mais digno que os outros, leva com maior facilidade ao conhecimento das realidades espirituais”. E complementa:

Em geral o espetáculo compreende também elementos de informação e de instrução. O Nosso Predecessor [Pio XI] de feliz memória, não hesitou em chamar ao cinema "rerum scholae, lição de coisas". Mas a estes elementos acrescenta ainda o espetáculo uma apresentação figurativa e sonora e um enredo destinado não só à inteligência mas ao homem total, dominando-lhe as faculdades emotivas e convidando-o a participar por si mesmo na ação desenvolvida.

Outro conceito que perpassa a compreensão educativa dos meios pela Igreja é o de ‘media literacy’, que entre nós ficou conhecido como recepção crítica dos meios, que prepara os consumidores massivos para as mensagens dos meios de comunicação, numa atitude de apropriação crítica de seu conteúdo. Novamente é gratificante observar a Igreja se antecipando aos conceitos da comunicação. É ela que orienta que para “poder o espetáculo desempenhar a sua função, requer-se esforço educativo que prepare o espectador”. Que o prepare para “compreender a linguagem própria de cada uma dessas técnicas diversas, e para dispor de tal formação da consciência que lhe permita julgar com ponderação os vários elementos oferecidos pela tela e pelo altofalante”, e, assim preparado, não “lhes sofrer passivamente o influxo, como muitas vezes acontece”.

Mesmo com o trabalho de formação do receptor, ainda assim é preciso considerar as especificidades do trabalho com os meios. Só o trabalho de educação não é suficiente. É preciso que os espetáculos sejam “adaptados ao grau de desenvolvimento intelectual, emotivo e moral de cada idade”. E aqui novamente a Igreja se posiciona de forma contemporânea ao uso da comunicação. Insere, aqui, as mesmas bases que estão contidas nos formuladores de políticas públicas de comunicação que construíram procedimentos de defesa do consumidor massivo a partir do sistema de classificação indicativa das produções de TV.

Especificamente em relação à utilização do rádio como meio educativo, a *Miranda Prorsus* reconhece que “o mais nobre serviço a que ela [a rádio] é chamada, é o de ilustrar e educar o homem, dirigindo-lhe a mente e o coração para esferas do espírito cada vez mais altas”. Mas, e ao mesmo tempo, nunca é demasiado chamar atenção para a correta utilização do meio frente às tentações. O uso do rádio “importa responsabilidades, porque também ela [a rádio], como as outras técnicas, pode ser empregue para o bem e para o mal”. Vale utilizar a palavra da escritura para esclarecer essa orientação: "Nela bendizemos a Deus e ao Pai: e nela amaldiçoamos os homens, que foram feitos à imagem de Deus. Da mesma boca procede a bênção e a maldição".

Parte III - O rebanho-receptor não é passivo

A preocupação com a audiência inicia uma das partes da *Miranda Prorsus* em que mais se acentua a compreensão da Igreja dos processos comunicacionais, frente às teorias da comunicação. E sua aproximação com o sentido mobilizador e educativo do rádio. Uma das partes em que se divide a *Miranda Prorsus* trata dos ‘Deveres do radiouvinte’. O primeiro deles seria uma “apurada escolha dos programas”. E o documento justifica tal percepção:

A transmissão radiofônica não deve ser um intruso, mas um amigo que entra no lar, mediante convite consciente e livre. Ai daquele que não sabe escolher os amigos que introduz no santuário da família! As transmissões admitidas em nossa casa deverão ser apenas as portadoras de verdade e de bem, as que não distraem, antes ajudam os membros da família ao cumprimento dos próprios deveres pessoais e sociais, e as que, se se trata de jovens e crianças, longe de prejudicar, revigoram e prolongam a obra sanamente educativa dos pais e da escola.

Em outro momento, o documento papal incorpora mais obrigações ao receptor de programas radiofônicos. Sem deixar de reconhecer “os aspectos positivos destes modernos e poderosos meios de difusão”, lembra que devem ser regidos, à luz da “doutrina cristã e da lei natural”, por “princípios informativos que devem regular e dirigir tanto a ação dos responsáveis, em cujas mãos estão as técnicas de difusão, como a consciência do público que delas se serve”. Há uma clara preocupação com a cadeia de produção das mensagens, com o fluxo informacional, desde os produtores, passando pelos proprietários e indo até os receptores. A esses últimos “Vos exortamos não só à devida vigilância mas também à intervenção positiva”.

Embora orientada para a evangelização, não deixa de ser auspicioso notar essa visão da Igreja Católica sobre o rádio. Quando fala em ‘deveres do radiouvinte’, e na explanação que se segue, explicita o papel de receptor ativo a um meio de comunicação, frente sua mensagem. Na teoria da comunicação, foi penoso o caminho até se reconhecer que o receptor da mensagem era uma figura tal qual importante como os produtores da informação. É Mattelart (1999) que nos conta desse itinerário.

A propriedade da Igreja em se aprofundar em todos os momentos da cadeia de produção e consumo das mensagens encontra guarida em Stuart Hall, um dos autores referenciais da teoria da comunicação conhecida como estudos culturais, que teve na Inglaterra um de seus ambientes de produção mais sólidos. Para Mattelart (1999), o trabalho de Hall sobre o papel ideológico da mídia e a natureza da ideologia representa um momento importante na constituição de uma teoria capaz de refutar os postulados da análise funcionalista americana e de fundar uma forma diferente de pesquisa crítica sobre os meios de comunicação de massa⁹.

Em seu artigo ‘Encoding/Decoding’, Hall examina o processo de comunicação televisiva segundo quatro momentos distintos: produção, circulação, distribuição/consumo e reprodução, que “apresentam suas próprias modalidades e suas próprias formas e condições

⁹ Aqui, Mattelart faz referência à teoria dos efeitos, uma das vertentes da corrente funcionalista da comunicação, desenvolvida principalmente nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX, que demonstrava uma atitude positiva em relação ao impacto dos meios de comunicação, de um lado; e aos postulados defendidos pela Escola de Frankfurt, que, sob a influência das repercussões do segundo pós Grande Guerra, com a utilização massiva dos meios de comunicação pelos países de orientação fascista, disseminavam uma atitude pessimista quanto a seu uso, ou pelo menos foi essa a face mais visível de seus estudos e que conseguiu maior repercussão.

de existência, mas articulam-se entre si e são determinadas por relações de poder institucionais” (MATTELART, 1999, p. 109). Em 1957, é isso que defende a *Miranda Prorsus*, tentando impingir à cadeia de produção e consumo da comunicação a institucionalidade da Igreja, a partir de princípios morais e da fé. O artigo de Hall foi publicado em 1973.

A preocupação das teorias da comunicação com o papel ativo do receptor da mensagem fez parte de uma reação “às teorias estruturais-funcionalistas que por muito tempo dominaram a cena sociológica” (MATTELART, 1999, p. 131).

(...) progressivamente se afirmaram metodologias que consagravam outras unidades de análise, a pessoa, o grupo, as relações intersubjetivas na experiência da vida cotidiana. Essas metodologias fizeram ressurgir debates (...) sobre o risco de reificar os fatos sociais, sobre o papel do ator em relação ao sistema e o grau de autonomia das audiências diante do dispositivo da comunicação.

A análise do conteúdo manifesto e o método das técnicas quantitativas são “rejeitados como incapazes de dar conta da dimensão subjetiva do processo de comunicação. O destinatário é reabilitado em sua capacidade de produzir sentido, de desenvolver procedimentos de interpretação” (MATTELART, 1999, p. 134 e 135). A etnometodologia é uma dessas novas metodologias que tiveram influência sobre a interpretação dos processos comunicacionais.

É Herbert Blumer quem inaugura o ‘interacionismo simbólico’, corrente que ressalta a natureza simbólica da vida social. Ele cunha o termo em 1937. Mas é somente em 1969, em obra de sua autoria¹⁰, que aparecem com mais clareza as premissas do método, que adota como objetivo o estudo da interpretação, por parte dos atores, dos símbolos nascidos de suas ‘atividades interativas’ (MATTELART, 1999, p. 136):

Segundo a primeira premissa é que os seres humanos agem em relação às coisas com base nas significações que elas têm para eles... Pela segunda, a significação dessas coisas deriva ou surge da interação social de um indivíduo com os outros atores. E pela terceira premissa tem-se que essas significações são utilizadas em, e modificadas por meio de, um processo de interpretação realizado pelo indivíduo e sua relação com as coisas que ele encontra.

A preocupação de Blumer seria a mesma da Igreja, ao orientar, pela *Miranda Prorsus*, uma atitude de institucionalidade interativa no processo de recepção das mensagens dos programas radiofônicos?

¹⁰ BLUMER, H. *Symbolic interactionism: perspective and method*. N. J.: Prentice-Hall, Englewood Cliffs, 1969.

Semelhante tarefa toca a todas as Associações Católicas que não de procurar defender eficazmente os interesses dos fiéis neste campo. Nos países onde as circunstâncias o aconselhem, poderão, além disso, promover-se Associações especiais de radiouvintes e de espectadores, em coligação com os Organismos nacionais.

O que separam essas orientações de eventuais processos de recepção coletiva desses programas? Fato é que questões como essas, trazidas por essas novas metodologias, suscitam um interesse geral no decorrer dos anos 1980. “É reconhecido um papel ativo do receptor na construção do sentido das mensagens, sendo acentuada a importância do contexto da recepção” (MATTELART, 1999, p. 148).

Para além do processo de recepção, a adequada apropriação dos conteúdos das mensagens dos meios de comunicação, para a Igreja, deveria ser uma boa nova anunciada aos demais fiéis, num autêntico processo de formação de opinião pública favorável aos preceitos morais. Os ouvintes de rádio deveriam, portanto, colaborar na formação duma opinião pública “esclarecida que permita exprimir, nas devidas formas, aprovações, encorajamentos e objeções, e contribuir para que a rádio, conformemente à sua missão educativa, se ponha ‘ao serviço da verdade, da moralidade, da justiça e do amor’”.

A importância da opinião pública é justificada por Noelle-Newmann na década de 1980, por meio de seu conceito da ‘espiral do silêncio’. Segundo ela (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001, p. 235), os pressupostos que sustentam sua teoria seriam: 1) a sociedade ameaça os indivíduos desviados com o isolamento; 2) nos indivíduos experimentam um contínuo medo de isolamento; 3) esse medo ao isolamento faz com que os indivíduos tentem avaliar continuamente o clima de opinião; 4) os resultados dessa avaliação influem no comportamento em público, especialmente na expressão pública ou no ocultamento das opiniões.

Considerações derradeiras

Todos esses procedimentos, incorporados pelos fiéis de forma individual ou coletiva, predispõe uma estratégia de formação de receptores para as mensagens dos meios de comunicação. Formar para assistir de uma maneira consciente e não passiva aos espetáculos, “fará diminuir os perigos morais, permitindo ao mesmo tempo ao cristão

aproveitar de todos os conhecimentos novos do mundo para elevar o espírito até à meditação das grandes verdades de Deus”. A necessidade de dar tal educação ao espectador sentiram-na “intensamente os católicos nos últimos anos, e numerosas são hoje as iniciativas que tendem a preparar tanto os adultos como a juventude para melhor apreciarem os lados tanto positivos como negativos do espetáculo”. E um novo campo de pesquisa em comunicação surge da preocupação em educar os receptores para as mensagens dos meios. Rumo à compreensão da comunicação enquanto um direito humano, mas também um exercício constante de seu poder educativo.

Referências bibliográficas

- BARBERO, Jesús Martín. **La educación desde la comunicación**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002;
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999;
- CASTILLO, Daniel Prieto. **Discurso autoritário y comunicación alternativa**. México: Ediciones Coyoacán, 2002;
- Encíclica *Miranda Prorsus***. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_08091957_miranda-prorsus_po.html
- FREINET, Célestin. **A Leitura pela Imprensa na Escola**. Lisboa: Dinalivros, 1977;
- _____. **O Jornal Escolar**. Lisboa: Editorial Estampa, 1974;
- FREIRE, Paulo & GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação (diálogos)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986;
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988;
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 2. ed. Porto: Afrontamento, 1975;
- HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001;
- KAPLÚN, Mario. **A la educación por la comunicación: la práctica de la comunicación educativa**. Santiago (Chile): Unesco/Orealc, 1992;
- _____. **Producción de Programas de Radio: el guión – la realización**, 1973;
- _____. Processos educativos e canais de comunicação. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo: Moderna/Eca-Usp, jan./abr.de 1999. p. 68-75;
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Pesquisas de recepção e educação para os meios. IN: **Comunicação & Educação**, São Paulo, (6): 41 a 46, mai./ago. 1996;
- MATTERLAT, Armand e Michèle. **História das teorias da comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999;
- MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX**: Neurose. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990;
- PATRÍCIO, Edgard. **A voz do Ceará: comunicação e educação na trajetória da Ceará Rádio Clube de 1934 a 1948**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação (mimeo.). Fortaleza, 2006;
- _____. **Confiança e Credibilidade: encurtando as distâncias na educação pelo Rádio**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação (mimeo.). Fortaleza, 1999;
- SOARES, I. O. **Media Education in Brazil**. São Paulo: UAM - Universidade Anhembi Morumbi, 2001. v. 1.